



O trabalho como fator da evasão e do retorno à EJA: uma análise de uma turma da Educação de Jovens e Adultos de Caruaru-PE

Work as a factor of evasion and return to EJA: an analysis of a group of Youth and Adult Education in Caruaru-PE

Viviane Rauane Bezerra Silva⁽¹⁾; Maria Fernanda dos Santos Alencar⁽²⁾

⁽¹⁾ORCID n° <https://orcid.org/0000-0003-3232-5515>, Discente; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Recife, Pernambuco; Brasil. (Rauane.ifpe.senai@gmail.com);

⁽²⁾ORCID n° <https://orcid.org/0000-0003-1140-3246>. Docente; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Recife, Pernambuco; Brasil. (fernanda.alencar@ufpe.br)

Todo o conteúdo exposto neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 25 de setembro de 2020; Aceito em: 24 de dezembro de 2020; publicado em 31 de 01 de 2021. Copyright© Autor, 2021.

RESUMO: Este texto aborda o trabalho como fator relevante para a evasão e o retorno dos alunos que hoje fazem parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tem como objetivo compreender a interferência do trabalho para a evasão e o retorno à escola na modalidade EJA; tendo como campo empírico uma escola da periferia na cidade de Caruaru, no ano de 2019. Nos amparamos nas contribuições dos autores (Gagno e Portela (2013); Cury (2000); Groppo (2000); Freire (1996); Ribeiro (2010); Arroyo (2006); Silva e Moura (2013); e Batalha e Silva (2018), para analisar e fundamentar toda nossa pesquisa. Onde a mesma tem o seu caráter qualitativo, realizando entrevistas semiestruturada a 14 estudantes da EJA do ensino fundamental, anos finais, com uso da análise de conteúdo para a análise das entrevistas. Os resultados da pesquisa apontaram que 10 estudantes: 5 homens e 5 mulheres deixaram e retornaram aos estudos por conta da necessidade precoce do trabalho; 4 mulheres disseram ter saído da escola por conta da gravidez precoce, mas retornavam galgando concluir os estudos e entrar no mercado de trabalho. Neste sentido, observamos que o mesmo fator – trabalho, que causa a evasão escolar também é responsável pelo retorno à escola. Esse retorno traz expectativas em torno de novas condições de trabalho, salário e melhores condições de vida e uma continuidade dos estudos visando, para as mulheres, uma profissionalização.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho, Evasão, Retorno escolar.

ABSTRACT: This text addresses work as a relevant factor for the evasion and return of students who are now part of Youth and Adult Education (EJA). It aims to understand the interference of work for dropout and return to school in the EJA modality; having as an empirical field a school from the periphery in the city of Caruaru, in 2019. We rely on the contributions of the authors (Gagno and Portela (2013); Cury (2000); Groppo (2000); Freire (1996); Ribeiro (2010); Arroyo (2006); Silva and Moura (2013); and Batalha e Silva (2018), to analyze and substantiate all of our research, where it has a qualitative character, conducting semi-structured interviews with 14 EJA students from elementary school -final years, using Content Analysis for the analysis of the interviews. The results of the survey showed that 10 students: 5 men and 5 women left and returned to studies because of the early need for work; 4 women said they had left school due to the early pregnancy, but they returned returning to complete their studies and enter the job market. In this sense, we observed that the same factor - work, which causes school dropout is also responsible for returning to school. new working conditions, wages and better living conditions and a continuity of studies aiming, for women, professionalization.

KEYWORDS: Work, dropout, school return.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda sobre a temática de evasão escolar em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Iniciamos o nosso estudo, fazendo levantamento sobre o nosso objeto de estudo: evasão na EJA. Realizamos uma busca nos periódicos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) nos últimos dez anos – 2009-2019, especificamente, no GT-18 que aborda a Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Utilizamos como descritor para a respectiva busca “evasão”, encontrando num montante de 97 trabalhos, apenas 1 trabalho que tratava sobre evasão escolar em turmas de EJA. O trabalho encontrado abordava a evasão de alunos na EJA e o seu reconhecimento social, as críticas ao senso comum e suas justificativas.

A partir dos achados dessa busca, percebemos que mesmo com um recorte temporal de dez anos, o número de trabalhos que discutem sobre a evasão dos alunos que hoje estão em turmas da EJA, é pouco, mostrando a carência de pesquisas sobre o tema. Ainda outro aspecto balizador para a escolha dessa temática, foram os dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) Educação no ano de 2019, promovida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Este documento, pela primeira vez, divulga dados sobre o abandono escolar, indicando que “das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20,2% (ou 10,1 milhões) não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos.” (IBGE, 2020).

Percebemos, por meio desses dados, que ainda hoje há um número de evasão escolar alto. Esses jovens que abandonam a escola poderão não mais voltar para escola, nas turmas da EJA. Entretanto, informações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) sobre a taxa de escolas que atendem alunos da EJA, indicam uma queda, no período de 2009 a 2018, no número de escolas que ofertam essa modalidade de ensino no Brasil. Em 2009, havia no Brasil um total de 255.455 escolas, das quais 14,6% ofertavam a EJA ensino fundamental e 3,4% o ensino médio. Em 2018, houve um aumento no número total de escola passando para 286.014, mas com queda no atendimento da EJA. No ensino fundamental passou para 8,6%, continuando com o mesmo percentual, 3,4%, no ensino médio (INEP, 2018. Microdados do Censo da Educação Básica (2009-2018). Essas informações balizam um panorama

que, mesmo com uma crescente taxa de saída dos alunos da escola, existe uma queda no número de escolas que ofertam a modalidade EJA, possibilitando o retorno do estudante ao processo de escolarização.

Com isso, desejamos abordar a temática sobre os motivos que causaram a evasão dos alunos que hoje estão retornando à escola na modalidade da EJA, considerando uma discussão pertinente devido aos recentes dados divulgados e pela caracterização da educação no nosso país ao analisar que a maioria dos jovens que abandonam a escola em idade escolar são pretos ou pardos e de baixa renda.

Nesse sentido, consideramos importante compreendermos melhor sobre os sujeitos da EJA que, em um dado momento de sua vida, eram jovens que se evadiram da escola, ou não chegaram nem ao seu ingresso. Questionamos, então, a invisibilidade que esses sujeitos são tratados, considerando que já foram parte do sistema de ensino básico do país e por fatores, por vezes internos e externos, saíram da escola e a ela retornam, com uma nova configuração: a de jovens, adultos e até idosos, objetivando retomar o que não foi possível concluir: os seus processos de escolarização, procurando consolidar o direito à educação.

Muitos fatores são indicados para a evasão dos estudantes das etapas da educação básica, dentre os quais se situa com frequência o trabalho como um dos determinantes tanto para a evasão como para o retorno, como apontando por Holanda e Alencar (2018, p. 17) “a maioria abandona a escola por motivo de trabalho, e é essa realidade e necessidade que ainda os trazem para a escola: melhorar suas condições de escolaridade para melhor se situar no mundo do trabalho”, ou Freire (2014, p. 29), que aponta em seus estudos que “para 67% dos entrevistados o ingresso no mercado de trabalho é o principal motivo para que o aluno retorne aos estudos na EJA”. Outros estudos apontam a questão do emprego(trabalho) associado a outros fatores que também interferem para a evasão do estudante das escolas, conforme situa Fernandes e Oliveira relata que os motivos foram “professores; falta de projetos que despertassem o interesse dos educandos em permanecer no ambiente escolar; **emprego**; gravidez; e falta de interesse dos próprios estudantes” (grifo nosso) (2020, p.90).

A partir do contexto sobre a oferta escolar da EJA, tendo o trabalho como um dos motivos que levam os sujeitos da EJA à evasão e também ao retorno à escola, desenvolvemos a seguinte questão norteadora: de que forma o trabalho se apresenta

como fator para a evasão e o retorno de estudantes à escola na modalidade EJA? Tendo como objetivo compreender a interferência do trabalho para a evasão e o retorno à escola na modalidade EJA; tendo como campo empírico uma escola da periferia na cidade de Caruaru.

Pretendemos, com os dados obtidos nesta pesquisa, compreender um pouco mais sobre como o fator social, considerando o fator trabalho, pode ou não interferir para a conclusão do processo de escolarização dos estudantes que se evadem e retornam à escola na modalidade EJA. Ainda pretendemos, com este trabalho, contribuir para a base de trabalhos que abancam essa temática sobre os estudos que tratam da relação educação e trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em decorrência do significativo número de alunos que se evadem da escola, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, considera-se a evasão escolar como uma séria problemática ocasionada por diversos fatores internos ou externos à escola. Contudo, a evasão escolar não deve ser vista, exclusivamente, como fracasso para o aluno, mas também como fracasso da própria instituição de ensino que, reiteradas vezes, não alcança seus objetivos, especialmente, no que se refere à produtividade do estudante.

A Constituição de 1988, no seu artigo 205º, ao tratar da educação, diz “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A educação como direito deveria ser garantida desde a infância, não deixando ser excluídos nenhuma criança, jovem ou mesmo adulto da escola. Mas, quando esse direito não é garantido e jovens e adultos, por diversos motivos, abandonam a escola enquanto crianças ou mesmo jovens, a escola não pode enxergá-los como meros alunos que não possuem nenhum conhecimento, bem como compará-los às crianças que estão nessa mesma faixa de aprendizagem, mas sim, se questionar “que transformações estamos possibilitando a essas pessoas, excluídas de tantas coisas” (SÃO PAULO, 2008, p.10).

De acordo com Gagno e Portela (2013), onde considera que para uma garantia de acesso e permanência exitosa dos estudantes da EJA, precisa estar claro essa

responsabilidade de toda a sociedade, sendo possível apenas quando as diferenças forem respeitadas. Ainda para que esse direito seja efetivado, Cury (2000) nos chama a atenção sobre a necessidade de superar fatores históricos sobre a EJA, destacando que

Para avançar na perspectiva de um direito efetivado é preciso superar a longa história de paralelismo, dualidade e preconceito que permeou a sociedade brasileira e as políticas educacionais para a EJA. Neste sentido, consoante a colaboração recíproca e a gestão democrática, a avaliação necessária das políticas implica uma atualização permanente em clima de diálogo com diferentes interlocutores institucionais comprometidos com a EJA (CURY, 2000, p.50).

É importante o conhecimento da realidade dos estudantes, bem como dos fatores didáticos, pedagógicos e sociais que estejam colaborando para a evasão. Sabermos que a evasão escolar é um agravante social, visto que diversos são os fatores que contribuem para o aumento do índice de evasão escolar. Assim, é necessário que a instituição escolar busque, ao receber estudantes que retornam à sala de aula, por meio da EJA, desenvolver estratégias que os faça refletir sobre as causas de sua evasão e retorno, mas esse refletir deverá ser na relação escola-estudantes para que possam garantir seus objetivos institucionais escolares e pessoais.

Para essa finalidade, considera-se necessário entender dois aspectos: primeiro, o processo de passagem entre a infância em seu período escolar que ficou para trás, trazendo o jovem, ou o do jovem, trazendo o adulto, ou do adulto que traz o idoso à escola. Nessa busca, encontramos em Groppo (2000, p. 19), quando o mesmo define o conceito de geração como “fator coletivo, como uma forma de situação social”, a compreensão acerca dessa geração que, no início era a juventude, agora tornando-se o sujeito da EJA, já adulto ou até idoso, mas que inferimos ser na primeira geração ‘juventude’, quando modifica seu percurso natural da educação, por meio do trabalho, que o distancia da escola e o faz voltar depois de vários anos.

Outro fator que deve ser compreendido nessa relação é a afetividade, considerando o que um dos fundadores da educação para jovens e adultos, Paulo Freire, já nos vem chamando atenção sobre o “Ensinar significa querer bem os educandos” (FREIRE, 1996, p. 159). A questão da afetividade é de grande relevância na relação professor/aluno, pois o estabelecimento de vínculos afetivos promove no convívio diário da sala de aula, a harmonia, a confiança e a segurança. Fatores esses, que facilitam a aprendizagem.

Nessas ações, há uma preocupação que se volta ao outro e a atuação com a redução dos índices de abandono, além do comprometimento com uma educação inclusiva como premissa básica. Nesse sentido, lembra Ribeiro que:

[...] precisamos criar possibilidades para novas inserções e aprendizagens e, mais do que tudo, entender que esse sujeito, quando procura ou retorna a uma classe de EJA, está nos dando uma chance incomensurável de provar que o sistema educacional brasileiro, no conjunto de seus atores, não é distintivo. Acredita, deseja e investe em uma educação para todos (RIBEIRO, 2010, p. 3).

Ao analisar as contribuições de Ribeiro, percebe-se que o conjunto de atores, nesse contexto, poderia ir além dos profissionais da escola, como psicólogos, agentes culturais, dentre outros, uma vez que o espaço escolar tem a necessidade, principalmente, de pessoas que auxiliem no desenvolvimento de atividades pedagógicas, sociais e culturais.

Arroyo (2006) aponta as carências escolares da juventude que chegam à EJA, revelando as necessidades sociais das quais são alijados. Esclarecendo, que apesar de todos os enfrentamentos pela sobrevivência e desestímulo em relação à escola, que não enxergam mais como na infância ou juventude, procuram-na em uma tentativa de encontrar novas escolhas e construir novos percursos. Trazem, também, uma bagagem de conhecimento de sobrevivência que Arroyo (2006, p.25) compreende de “múltiplos espaços deformadores e formadores”, do qual os jovens participam considerando como algo positivo porque:

Esse olhar mais totalizante e mais positivo do protagonismo dos jovens-adultos poderá ser determinante à educação. Uma nova compreensão da condição juvenil levará a uma nova compreensão do seu direito à educação. Consequentemente levará a uma nova compreensão da EJA (ARROYO, 2006, p. 25).

A partir das colocações do autor, concebemos que, para ter um olhar mais positivo para a juventude na escola passamos, primeiramente, pelo reconhecimento dos jovens como protagonistas e sujeitos do direito à educação. Entretanto, não cabe também entender a EJA como elemento de salvação de uma juventude perdida e marginal. A presença da juventude faz com que os profissionais da escola se perguntem como essa instituição pode contribuir para a qualidade de vida deles e de suas famílias. Essa reflexão, no entanto, requer que a escola seja percebida como porta para muitas oportunidades e possibilidades além do diploma.

A relação trabalho e a educação para adultos e idosos não é nova, surge para suprir uma demanda bem antiga, desde a colonização do país. Silva e Moura nos explica melhor como surgiu a EJA no Brasil

Quando se fala da Educação de Jovens e Adultos (EJA), deve-se abordar o período colonial em 1549, onde os jesuítas acreditavam que não seria possível converter os índios sem que eles soubessem ler e escrever. Até aqui, verifica-se a importância da alfabetização (catequização) na vida dos adultos, para que os mesmos servissem, não só para a igreja, como também para o trabalho. Os jesuítas dedicaram-se à pregação da fé católica e ao trabalho educativo. Através do trabalho de catequizar com o intuito de salvar as almas, abriram caminho para a entrada de colonizadores e, à medida que ensinavam as primeiras letras, também ensinavam a doutrina católica e os costumes europeus (SILVA; MOURA, 2013, p. 31-32)

Percebe-se o início dessa relação entre a formação para as necessidades do trabalho, mesmo que de maneira mais braçal, mas sempre se pensa na instrução das primeiras letras e o domínio dos números e suas principais operações para aqueles que não estiveram em uma escola antes. Batalha e Silva (2018) nos chamam atenção para essas relações após a revolução industrial e seus desdobramentos na educação de jovens e adultos

[...] como já observado, pouco se falou sobre a Educação de Jovens e Adultos, o assunto só vem à tona a partir do final da década de 1930, após a reflexão sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação de 1932. Este período é caracterizado pela intenção do governo de alfabetizar as massas para que estas pudessem atender as necessidades de um país em processo de industrialização (BATALHA; SILVA, 2018, p.04).

É possível relacionar a crescente preocupação e sistematização de programas e da modalidade do ensino de jovens e adultos a partir desse período em atendimento a demanda da sociedade capitalista em pleno desenvolvimento econômico. Ainda, os mesmos autores abordam que as mudanças que ocorreram na EJA, também acompanharam as transformações políticas, sociais e econômicas do país no decorrer da história; transformando-se em lutas e mobilizações da sociedade civil para a garantia de um ensino gratuito e de qualidade para essa modalidade. (BATALHA; SILVA, 2018).

O conhecimento sobre os estudantes da EJA e a relação da EJA e a formação para o trabalho impulsionada desde o Brasil colônia contribui de alguma forma para a compreensão que estamos construindo sobre os fatores da evasão e do retorno à escola, o qual tem o trabalho como uma de suas causas e também consequências.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O estudo se aproxima da abordagem qualitativa considerando Ludke e André (2007, p.18) “O estudo qualitativo é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

O trabalho está centrado no tipo de pesquisa exploratória, porque foi realizada sobre um tema já existente proporcionando-nos um esclarecimento e compreensão acerca do mesmo. De acordo com Gil (2008, p. 27), “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”.

No atendimento ao nosso objetivo, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental sobre nosso objeto de estudo: Educação de Jovens e Adultos e ainda a aproximação ao campo de pesquisa, uma escola que oferta EJA no município de Caruaru, através da entrevista semiestruturada.

Para a entrevista foram contactados estudantes da EJA. Os sujeitos da nossa pesquisa fazem parte de uma amostragem de estudantes que, segundo Marconi e Lakatos (2008), “a amostra é uma parcela selecionada do universo estudado”. Partindo dessa compreensão, escolhemos entrevistar 14 (quatorze) estudantes da EJA, ensino fundamental, no turno noturno.

Já a entrevista semiestruturada, de acordo com Minayo (2000, p. 106), “combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”. Assim poderemos através dessa flexibilidade acrescentar se necessário outros questionamentos aos entrevistados, para completar as informações obtidas e conseguir uma leitura mais geral e dinâmica sobre as respostas construídas e o perfil de cada sujeito da pesquisa.

O estudo foi realizado em uma escola da rede pública municipal de Caruaru, em um bairro periférico. A escolha da escola se deu através da sua posição geográfica, localizada num bairro que recebe estudantes da área urbana e do campo. A escola selecionada possui 13 salas que funcionam no turno matutino e vespertino turmas com o ensino fundamental – anos iniciais e final, e no noturno todas funcionam com aulas da EJA. Possui 1 refeitório, 1 quadra coberta, 2 banheiros, 1 biblioteca, 1 sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), 1 sala para os professores, 1 sala para coordenação e 1

secretaria. Todo o ambiente da escola, nos dias visitados estava em perfeito estado de conservação, decorado com cartazes educacionais e demonstrava uma sintonia visível entre professores, a gestão e os estudantes.

Para o tratamento da entrevista, utilizamos a análise de conteúdo. Triviños (1987) esclarece a Análise de conteúdo como uma técnica de pesquisa que requer um domínio dos conceitos teóricos da pesquisa mais do que em outras técnicas, destacando que

[...] peculiaridade da análise do conteúdo que convém salientar é a de ser ele "um conjunto de técnicas". Isto é importante sublinhar, porque, se não temos clareza deste aspecto, o processo de inferência será muito difícil ou impossível. A classificação dos conceitos, a codificação dos mesmos, a categorização etc. São procedimentos indispensáveis na utilização deste método que comentamos. Mas todos estes suportes "materiais" serão francamente inúteis no emprego da análise de conteúdo se o pesquisador não possuir amplo campo de clareza teórica. Isto é, não será possível a inferência se não dominarmos os conceitos básicos das teorias (TRIVIÑOS, 1987, p. 160).

Sendo assim, trataremos dos dados coletados na escola já indicada e discorreremos quais a perspectiva dos estudantes em relação a temática aqui abordada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 14 entrevistados, 5 são homens e 9 são mulheres, a idade deles variavam entre 23 a 43 anos. Corbucci *et al* (2009, p. 96) enfatizam que, apesar de “os jovens de 15 a 29 anos responderem por 57% das matrículas na modalidade EJA no ensino fundamental, os adultos de 30 anos ou mais representam proporções significativa dos alunados neste nível de formação”.

A primeira interrogativa foi sobre a evasão: se já haviam estudado e os motivos da saída da escola (já que todos os entrevistados informaram que em algum momento de suas vidas já começaram um processo de educação formal). Todos os homens (5) afirmaram que saíram para poder trabalhar e ajudar a sustentar a família.

Das 9 mulheres, 5 afirmaram que também saíram por conta do trabalho. Segundo o documento da EJA-Mova (SÃO PAULO, 2008, p. 14), “esses jovens apresentam uma escolaridade marcada pelo fracasso escolar, em sua maioria, não por dificuldades cognitivas, mas por fatores emocionais, socioeconômicos e familiares”. Percebe-se que essa relação do trabalho precoce faz com que os estudantes saiam da escola para adentrar num mercado de trabalho, muitas vezes, com baixos salários e em condições precárias

para contribuir na renda familiar, que, nesse estudo, mostrou-se na mesma proporção para os homens e mulheres entrevistados.

Para as 4 outras mulheres, o motivo de suas saídas da escola diz respeito a gravidez na adolescência. As autoras Fontoura e Pinheiro (2009, p. 156) tentam justificar esses casos de gravidez na adolescência considerando que “pode ser fruto da ausência de opções e da dificuldade de fazer um projeto de vida para além de ser mãe de família”. Com isso, temos outro fator determinante para a evasão escolar no âmbito feminino, mas que não nos aprofundaremos neste estudo, mas o compreendemos como muito importante haja vista tal fator se pronunciar como causa da evasão de adolescentes e jovens do nosso país e porque estarmos inseridos num contexto político-social atual em que a educação sexual está sendo questionada como não cabível ao âmbito escolar, mas apenas as famílias.

Depois, questionamos os sujeitos sobre o que os motivaram a retornar à escola, todos os 5 homens responderam que retornaram para concluir os estudos (até o ensino médio) para conseguir arrumar um emprego melhor, com melhores salários e melhores condições. O mesmo ocorrendo com as 4 mulheres. Essas responderam que voltaram a estudar para conseguir um emprego formal, porque estão exigindo cada vez mais o nível básico de ensino.

Frigotto (2004, p. 197) aponta que esse movimento do retorno à escola se dá, devido o intuito “de adquirir o ‘pacote’ de competências, que o mercado reconhece como adequados aos ‘novos cidadãos produtivos’”. Explicando, ainda, que fica evidente que as formas de contratação do mercado de trabalho vêm se modificando, estando cada vez mais exigente, força a procura por aperfeiçoamento individual dos trabalhadores para não apenas entrar, mas permanecer dentro do mercado de trabalho atual.

Telles (2018, p. 402) mostra que essa realidade fora da escola reflete o ensino em sala de aula. Destaca que “a política deve se configurar, então, como um ‘que fazer’ permanente, enquanto processo social perene de busca de objetivos acordados entre os sujeito” a fim de fazer da escola um lugar onde os estudantes da EJA vejam a possibilidade concreta de atender aos seus objetivos para, através desse entendimento, possam ver sentido no que estudam na escola, fazendo uma intrínseca relação com a sua vida fora da escola.

As 5 mulheres colocaram que voltaram para a escola, porque querem não apenas concluir o ensino básico, mas querem fazer um curso técnico, de forma específica, o de técnico em enfermagem, ou uma faculdade, também ligada à enfermagem ou à licenciatura, e que explicam a ânsia para ter uma profissão de fato. Quanto às respostas das mulheres, temos duas observações: a primeira, que há uma projeção de estudo para além da educação básica diferentemente das respostas dadas pelos homens; e a segunda, que essa projeção se vincula a profissões culturalmente ligadas ao histórico de formação para mulheres: a enfermagem e a docência.

Frigotto (2004, p. 211) ainda nos aponta que esse movimento ocorre devido à “mutilação de direitos elementares da infância e da juventude de filhos da classe trabalhadora é como uma constante ao longo de nossa história”, entendendo que mesmo os sujeitos que saíram da escola para trabalhar, e o fizeram por vários anos, não consideram ter uma profissão e percebem que é por meio de uma que vão conseguir ter melhores condições de trabalho e renda, e, para chegar até lá, deve ser feito através de muito estudo, coisa que no início de sua escolarização não foi possível.

Por fim, foi interessante observar como o “trabalho” transcende as paredes da sala de aula como motivo pelo qual os jovens saem da escola, e também pelo que retomam, agora, em novos objetivos, mas ainda pela necessidade de se conseguir um trabalho, seja numa área de atuação diferente, ou seja na mesma área com um cargo que proporciona melhores condições de trabalho e de salário.

Neste sentido, Frigotto (2004, p.193) ainda contribui com nossas reflexões explicando que “a questão central não é de caráter individual, nem primeiramente de gênero, de cor, de raça, mas da sua classe social”. Essa relação com a classe social nos mostra que um fator determinante para a evasão da escola, ou, em muitas vezes, o seu não ingresso na escola, é devido a sua classe social baixa, que em consequência da necessidade de sobrevivência, força o trabalho precoce a fim de ajudar a família, se submetendo a trabalhos exaustivos e em péssimas condições de trabalho. Essa situação ainda vigente mostra a parte profunda de um *iceberg* no qual o fator escola está visível na parte de cima e o fator social está na parte de baixo, não perceptível em muitos casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da construção e análise desenvolvida em nosso estudo, buscamos responder nossa questão inicial: de que forma o trabalho se apresenta como fator para a evasão e o retorno de estudantes à escola na modalidade EJA?

Consideramos que o trabalho é tanto o motivo da saída de estudantes da escola em idade escolar, mas também é o responsável pelo retorno dos mesmos. A partir dos dados analisados, podemos identificar que mesmo a escola procurando atender aos seus objetivos, mesmo tendo professores comprometidos, ou materiais didáticos suficientes para todos os alunos, a culpa da evasão desse aluno, muitas das vezes, não está no ambiente escolar, mas sim na falta de políticas sociais e estruturais que atendam as milhares de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, tendo que, para manter o mínimo de alimento ou moradia, fazer com que os filhos, desde cedo, tenham de contribuir através do trabalho, seja no campo, ou na cidade, forçando cada vez mais cedo a sua saída do ambiente tão fundamental da formação do homem que é à escola.

Assim, fundamenta-se a permanência de políticas de afirmação social possibilitadoras de inclusão de crianças e jovens no direito à educação e de fortalecimento da proibição do trabalho infantil, embora mesmo, com os avanços legais, nesse sentido, ainda tenhamos como dados os informados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2016) “cerca de 1,8 milhão de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos trabalhavam no Brasil naquele ano”.

Esses dados são preocupantes, porque apontam que, estão, ou serão excluídas do ambiente escolar que em consequência do cansaço serão prejudicados no processo de aprendizagem, ou seja, não é porque não querem ou não tenham condições de aprendizagens, mas porque as condições físico-emocionais-cognitivas impossibilitam a aprendizagens. Assim, observamos que esse contexto ainda configura a necessidade da existência da modalidade EJA para a garantia do acesso aos processos de escolarização dessas crianças e jovens numa sociedade que perversamente os exclui.

REFERÊNCIAS

1. ARROYO, Miguel González. *Educação de Jovens-adultos: um campo de direito e de responsabilidade pública*. In: Soares, Leôncio, Giovanetti, Maria Amélia

- Gomes de Castro, Gomes, Nilma Lino (Org). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
2. BATALHA, Rafaela Vieira.; e SILVA, Cleber Cezar da. Evasão escolar da educação de jovens e adultos: um olhar a partir do Colégio Estadual Normal Professor César Augusto Ceva em Ipanema – GO. *Revista eletrônica ItinerariusReflectionis*. On-line, Vol14, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/48592>Acesso em 15 jul. 2019.
 3. BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988 – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.
 4. IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios, 2019 – Educação*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2020.
 5. CORBUCCI, Paulo Roberto; CASSIOLATO, Maria Martha; CODES, Ana Luiza e CHAVES, José Valente. *Situação educacional dos jovens brasileiros*. In: CASTRO, Jorge Abrahão de. AQUINO, Luseni Maria C. de. ANDRADE Carla Coelho de. (Org)Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Brasília: IPEA, 2009.
 6. CURY, Carlos J. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos*. In: Brasil. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). Parecer nº 11, 07 de junho de 2000. Brasília: CNE/CEB.
 7. FERNANDES, Ana Paula Cunha dos Santos; OLIVEIRA, Iranildo da Silva. Evasão na EJA: um desafio histórico. *Educação & Formação*, Fortaleza, v.5, n.13,p. 79-94, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/990/1904>. Acesso em julho 2020.
 8. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
 9. FREIRE, Rose Héliida Astolfo. *Possíveis causas da evasão escolar e de retorno na educação de jovens e adultos*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Medianeira/PR, 2014. (MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO). Disponível em http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4434/1/MD_EDUMTE_2014_2_74.pdf. Acesso em junho 2020.
 10. FRIGOTO, Gaudêncio. *Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas*. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, PAULO (orgs.) Juventude e Sociedade: trabalho, educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
 11. FONTOURA, Natália de Oliveira, PINHEIRO, Luana Simões. *Síndrome de Juno: gravidez, juventude e políticas públicas*. Fontoura. In: CASTRO, Jorge Abrahão de. AQUINO, Luseni Maria C. de. ANDRADE Carla Coelho de. (Org). Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Brasília: IPEA, 2009.
 12. GAGNO, Roberta Ravaglio e Portela, Mariliza Simonete. *Gestão e Organização da Educação de Jovens e Adultos: Perspectiva de Prática Discente*. São Paulo, 2013.
 13. GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

14. GROppo, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro, Ed. Diefel, 2000.
15. HOLANDA, Stefani Tamires Alves Ribeiro; ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. *Estudantes da EJA e o Protagonismo Escolar: vozes e marcas da exclusão em busca de vida e cidadania*. UFPE. Caruaru, 2018. (Trabalho de Conclusão de Curso).
16. INEP. *Censo escolar da educação básica 2019*. Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2020.
17. LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 2007.
18. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
19. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec-abrasco, 2000.
20. SÃO PAULO.I - *Os Alunos da EJA*. In: Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações Didáticas: Alfabetização e Letramento -EJA e MOVA / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT,2008. Disponível em:https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/147/Orient_Did_alfabetramento2008_EJAMOVA.pdf
21. SILVA, Hellen Tânia Rodrigues da; MOURA, Tânia Mara Souza. Educação de jovens e adultos – EJA: desafios e práticas pedagógicas. *Revista Eletrônica Univar*. On-line, Vol 3, p. 31 -36, 2013. Disponível em:revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/article/view/53/41. Acesso em: 15 jun. 2019.
22. TELES, Jorge. *Um olhar Freireano sobre a construção de Políticas para EJA: dois exemplos recentes no Brasil*. In: ALCOFORADO, Luís; BARBOSA, Márcia Regina. BARRETO, Denise Aparecida Brito(Orgs.). *Diálogos Freireanos, A educação e formação de jovens e Adultos em Portugal e no Brasil*. Recife: Editora UFPE; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. 716p.
23. RIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.